

	Curso: <b>ENSINO MÉDIO INTEGRADO</b>	Data:	
	<b>TRABALHO - RECUPERAÇÃO SEMESTRAL</b>	Série: 3ª	
Disciplina: Língua Portuguesa		Professora: Brígida Rovena	
Coordenação: Betania S. C. Domingues	Visto:	Valor: 10,0	Nota:
Aluno(a):			Nº:

### ORIENTAÇÕES

- As questões devem apresentar todo o desenvolvimento do processo de resolução.
- Use lápis e só após ter certeza, passe **TODAS as respostas finais à caneta.**
- Escreva com **letra bem legível.**
- Não será permitido rasura.

### Conteúdos cobrados no trabalho e na avaliação de recuperação semestral

- Variedade linguística
- Norma culta e norma-padrão
- Os fonemas e suas representações gráficas
- Processo de formação de palavras
- Morfologia - Substantivo, adjetivo, pronome
- Colocação pronominal
- Concordância nominal



### QUESTÕES

Texto para as questões de 1 a 3.

Em “Angústia” de Graciliano Ramos, encontramos sequências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.

Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. (...)

Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.

(Graciliano Ramos, “Angústia”. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª ed, 2003, p. 8-9 e 15).

1-) Que processos permitem as construções ‘preguiçando’ e ‘desasnar’ na língua?

---

2-) Se substituirmos ‘preguiçando’ por ‘descansando’ e ‘desasnar’ por ‘aprender’, observamos uma relação diferente com a poesia da língua. Explícite essa diferença.

---

3-) O uso de ‘desasnar’ pode nos remeter, entre outras palavras, a ‘desemburrecer’ e ‘desemburrar’.

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (ed. Objetiva, 2001), o verbete ‘desemburrar’ apresenta como acepções tanto ‘livrar-se da ignorância’, quanto ‘perder o enfezamento’, e marca sua etimologia como des + emburrar. Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete ‘emburrar’ o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a “data em que [essa palavra] entrou no português”. A fonte dessa

datação é a obra *Thesouro da lingua portuguesa* composta pelo Padre D. Bento Pereyra, publicada em Lisboa.

Embora 'desemburrecer' não apareça no dicionário, encontramos 'emburrecer', cuja entrada no português, segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft *Dicionário prático de regência verbal*, publicada em São Paulo.

O verbete 'desasnar' data de 1713, atestado pela obra *Vocabulário portugueza e latino* de Rafael Bluteau, publicada em Coimbra-Lisboa.

Tendo em vista as observações acima apresentadas – a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas – o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

---

---

Texto para as questões 4 e 5.

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse.

Sinhá Vitoria desejava possuir uma cama igual à de seu Tomas da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau. Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas - ela se avizinando a galope, com vontade de matá-lo.

RAMOS, Graciliano. "Vidas secas", Objetiva, 1999.

4-) Quais são os substantivos que formam uma seleção lexical relativa à profissão de Fabiano?

---

---

5-) Cite dois substantivos que, no contexto, traduzem os dois conflitos vividos por Fabiano.

---

---

6-) CADÊ O DITO CUJO?

Muita gente quer saber onde está o dito "cujo".

Caro leitor, não se assuste nem fique imaginando "coisas". A verdade é que recebi dezenas de mensagens querendo "notícias" do pronome relativo CUJO.

Tenho um colega que costuma dizer que o pronome CUJO é um ser "semimorto". Segundo ele, só existe na língua escrita. Todos entendem o sentido de uma frase em que apareça o pronome CUJO, mas ninguém se lembra dele na hora de falar.

Isso se comprova na fala do brasileiro. Observe a si mesmo e depois me diga se não é verdade. Você falaria, por exemplo, no seu dia a dia, uma frase do tipo "Estava falando com o vizinho CUJO filho foi contratado pelo Flamengo"?

Acredito que todos entenderiam a frase, mas que dificilmente seria usada na fala coloquial. Na verdade, a presença do pronome CUJO caracteriza o uso formal da língua portuguesa. Praticamente só é usado na linguagem escrita.

O curioso, entretanto, é que todos ou quase todos entenderiam a frase, ou seja, que "eu estava falando com o vizinho e que o Flamengo contratou o filho desse vizinho". Silva,

Sérgio Nogueira Duarte. *Língua Viva IV*. Rio de Janeiro. Rocco (fragmento).

Releia o 6º parágrafo do texto “Cadê o dito cujo?”. Considerando a passagem apresentada entre aspas, é possível concluir que o pronome cujo desempenha uma importante função no estabelecimento da relação entre duas orações. Explique por quê.

7-)

Violência à saúde

Mauro Gomes Aranha de Lima

Jornal Gremesp, agosto de 2016

O aumento da violência contra médicos e enfermeiros finalmente passou a ser encarado como questão de Estado. Graças às denúncias do Cremesp e do Coren-SP, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) mantém agora um grupo de trabalho que se debruça na busca de soluções para o problema.

Em recente reunião, o secretário adjunto da SSP-SP, Sérgio Sobrane, comprometeu-se a tomar providências. A Secretaria de Saúde (SES-SP) também participou dos debates, que culminaram com proposta do Cremesp e do Coren de um protocolo para orientar profissionais da Saúde a lidar com situações em que o usuário/familiar se mostre agressivo ou ameaçador.

Simultaneamente, a SSP-SP preparará um piloto de intervenção baseado em registros de ameaças ou de truculência na Capital. Se bem sucedido, será multiplicado ao restante do Estado.

São medidas oportunas e as levaremos em frente. Contudo, tal empenho não será o bastante. A violência emerge de raízes profundas: governos negligenciam a saúde dos cidadãos, motivo pelo qual a rede pública padece de graves problemas no acesso ou continuidade da atenção; com hospitais sucateados e sob o contingenciamento de leitos e serviços; postos de saúde e Estratégia Saúde da Família com equipes incompletas para a efetivação de metas integrativas biopsicossociais.

O brasileiro é contribuinte assíduo e pontual, arca com uma das mais altas tributações do mundo, e, em demandas por saúde, o que recebe é o caos e a indiferença.

Resignam-se, muitos. Todavia, há os que não suportam a indignidade. Sentem-se humilhados. Reagem, exaltam-se. Eis que chegamos ao extremo. Em pesquisa encomendada pelo Cremesp, em 2015, com amostra de 617 médicos, 64% tomaram conhecimento ou foram vítimas de violência. Ouvimos também os pacientes: 41% dos entrevistados atribuíram a razão das agressões a problemas como demora para serem atendidos, estresse, muitos pacientes para poucos médicos, consultas rápidas e superficiais.

Ser médico é condição e escolha. Escolhemos a compreensão científica do mecanismo humano, revertida em benefício do ser que sofre. Vocação, chamado, desafio, e o apelo da dor em outrem, a nos exigirem fôlego, serenidade e dedicação. Estamos todos, médicos e pacientes, em situação. Há que se cultivar entre nós uma cultura de paz. E um compromisso mútuo de tarefas mínimas.

Aos pacientes, cabe-lhes o cultivo de uma percepção mais refletida de que, em meio à precariedade posta por governos cínicos, o Estado não é o médico. Este é apenas o servidor visível, por detrás do qual está aquele que se omite.

Aos médicos, a compreensão de que os pacientes, além de suas enfermidades, sofrem injustiças e agravos sociais.

A tolerância não é exatamente um dom, uma graça, ou natural pendor. É esforço deliberado, marco

estrutural do processo civilizador.

Tarefas e esforços compartilhados: a solução da violência está mais dentro do que fora de nós.

*Mauro Aranha é Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo*

*No oitavo parágrafo, o pronome LHES*

- a-) refere-se a profissionais da saúde, pois esse é o tema do texto.
- b-) antecipa a informação nova que está no parágrafo subsequente.
- c-) retoma informação já apresentada, dando-lhe um valor enfático.
- d-) introduz informação nova relacionada ao tema do texto.

8-)

OGX poderá ficar com campos em caso de recuperação

“A OGX está bastante avisada que, em meio a tudo isso que ela está vivendo, ela tem que ter uma fiel observância ao contrato, tem que estar atenta para o cumprimento das cláusulas contratuais”, afirmou Magda Chambriard, diretora-geral da ANP.

Entre outras, as cláusulas abrangem fornecimento de garantias, realização dos planos de desenvolvimento, realização dos planos de avaliação, “enfim, todas as obrigações dos contratos que ela tem, essa uma condição ‘sine qua nom’”, completou Magda.

(Folha de SP, 17.10.2013)

Leia as frases “ela tem que ter **UMA FIEL OBSERVÂNCIA AO CONTRATO**” e “as cláusulas abrangem **FORNECIMENTO DE GARANTIAS**”, retiradas do texto OGX poderá ficar com campos em caso de recuperação.

Se os segmentos destacados forem substituídos por pronomes pessoais oblíquos, segundo a norma, teremos:

- a-) ter ela; abrangem ele.
- b-) tê-la; abrangem-nas.
- c-) tê-la; abrangem-no.
- d-) tê-lo; abrangem-o.
- e-) ter a ela; abrangem-no.

9-) É HORA DE AGIR

Enquanto um misto de tragédia e pantomima se desenrola aos nossos olhos atônitos, escrevo esta coluna meio ressabiada: como estará o Brasil quando ela for publicada, isto é, em dois dias? Estamos no meio de um vendaval desconcertante: numa mistura entre público e privado como nunca se viu, correntes inimagináveis de dinheiro sem origem ou destino declarados jorram sobre nós levando embora confiança, ética e ilusões.

O drama é que não somos arrastados por “forças ocultas” ou ventos inesperados. Devíamos ter sabido. Muitos sabiam e vários participaram – embora apontem o dedo uns para os outros feito meninos de colégio: “Foi ele, foi ele, eu não fiz nada, eu nem sabia de nada, ele fez muito pior”. Espetáculo deprimente, que desaloja de seu acomodamento até os mais crédulos.

Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições – mas nos entregamos a miragens sedutoras e ideias sem fundamento. Agimos como cidadãos assim como fazemos na vida: omissos por covardia ou fragilidade, por fugir da realidade que assume tantos disfarces. Deixamos de pegar nas mãos as rédeas da nossa condição de indivíduos ou de brasileiros, e isso pode não ter volta. Fica ali feito um fantasma pérfido: anos depois, salta da fresta, mostra a língua, faz careta, ri da nossa impotência. Não dá para voltar, nem sempre há como corrigir o que se fez de errado, ou que deixou de ser feito e causou graves mazelas.

*(Lya Luft, É hora de agir. VEJA, 27 de julho de 2005.)*

Assinale a alternativa em que o trecho do texto, reescrito, apresenta-se de acordo com os princípios de concordância e colocação pronominal da norma culta.

- a-) O drama é que “forças ocultas” ou ventos inesperados não arrasta.
- b-) Sobre nós jorra dinheiro sem origem ou destino, em correntes que não se imaginam.
- c-) Escrevo essa coluna mais ressabiada, enquanto nossos olhos atônitos vê se desenrolar um misto de tragédia e pantomima.
- d-) Se desaloja até os mais crédulos de seu acomodamento, graças a esse espetáculo deprimente.
- e-) Poderia-se ter optado diferentemente, em várias eleições, se a população toda estivesse mais bem informado.

10-) Assinale a alternativa correta em relação à concordância nominal.

- a-) Não é permitida conversa pelo celular neste restaurante.
- b-) A mulher ficou meia chateada, pois o marido não parava de usar o celular.
- c-) Há bastantes pessoas que usam o WhatsApp no Brasil.
- d-) Seguem anexas às mensagens meu perfil no aplicativo.
- e-) Só, sem qualquer amigo mais próximo, muitas pessoas se refugiam no mundo virtual.

11) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas à análise fonológica e gráfica a seguir.

“Ele é especialmente sensível sobre seu excesso de peso.”

[    ] O fonema /s/ está representado pelas letras “s”, “c” e dois dígrafos, ao passo que o fonema /z/ está representado apenas pela letra “s”.

[    ] A letra “n” junta-se ao “e” formando um dígrafo para representar a vogal nasal.

[    ] As palavras “sobre” e “seu” apresentam, respectivamente, encontro consonantal e ditongo decrescente.

A sequência correta é:

- a-) V; F; F.
- b-) F; V; V.
- c-) F; F; F.
- d-) V; V; V.
- e-) V; F; V.

12-) A Lenda da Mandioca  
(Lenda dos índios Tupi)

Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis espantaram-se:

– Como é branquinha (1)esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era (2)linda, silenciosa e (3)quieta. Comia (4)pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um (5)pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconde um mistério. Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade. Um dia perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram, e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. Até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante.

E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Fonte: GIACOMO, Maria T. C. de. Lendas brasileiras, n. 7, 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977.

Considerando princípios fonológicos e morfológicos da língua portuguesa, considere as afirmativas a seguir.

I – Se inserido acento na sílaba final de “esta” (ref. 1) altera-se a tonicidade, mas mantêm-se inalterada a classe da palavra.

II – Em “linda” (ref.2), assim como em “quieta” (ref.3) verifica-se ocorrência de um fonema representado por duas letras.

III – Diferentemente de “pouco”(refs. 4 e 5), a palavra “Poucas”, flexiona-se para concordar com o nome que a acompanha.

Está(ão) correta(s)

a-) apenas I.

b-) apenas II.

c-) apenas I e III.

d-) apenas II e III.

e-) I, II e III.

13-) Qual o jeito correto de pronunciar Roraima?

“Roráima” ou “Rorâima”, como você preferir. É que, segundo os linguistas, as regras fônicas de uma palavra são regidas pela língua falada. Portanto, não há certo ou errado. Há apenas a maneira como as pessoas falam.

O que se observa na língua portuguesa falada no Brasil é que sílabas tônicas que vêm antes de consoantes nasalizadas (como “m” ou “n”) também se nasalizam (aperte o seu nariz e repita a palavra cama. Sentiu os ossinhos vibrarem? É a tal nasalização). Por isso, a gente diz “cãma” – o “ca” é a sílaba tônica e o “m” é nasalizado. Se a sílaba que vier antes dessa mesma consoante não for uma sílaba tônica, a pronúncia passa a ser opcional: você escolhe – “bánana” ou “bãnana”.

No caso de Roraima, a sílaba problemática (“ra”) é tônica e vem antes do “m”. Mas aí entra em cena o “i”, que acaba com qualquer regra. A mesma coisa acontece com o nome próprio Jaime: tem gente que nasaliza, tem gente que não. Então, que tranquilo: se você sempre falou “Rorâima”, siga em frente – ninguém pode corrigi-lo por isso. No máximo, você vai pagar de turista se resolver dar umas voltas por lá – os moradores do estado, não adianta, são unânimes em falar “Roráima”.

BESSA, Marina. Qual o jeito correto de pronunciar Roraima?. Disponível em: .

Assinale a alternativa incorreta em relação ao texto.

a-) As palavras andaime e Elaine são exemplos que comprovam que a presença do i acaba com a regra para explicar o fenômeno, conforme mencionado no segundo parágrafo.

b-) Nas entrelinhas, texto mostra que a variação na pronúncia dos sons que compõem as palavras do vocabulário é um fenômeno que depende exclusivamente da vontade do falante

c-) O título do texto induz o leitor a esperar uma resposta relativa quanto às possibilidades de pronúncia, mas essa expectativa acaba sendo contrariada.

d-) A pronúncia da primeira sílaba da palavra camareira não pode ser nasalizada, pelo mesmo motivo que justifica o fato com a palavra banana.

e-) Pela regra apresentada no segundo parágrafo, pode-se deduzir que as palavras Ana, pano e cano são sempre pronunciadas com a primeira vogal nasalizada.

14-)

#### Dia da Proclamação da República

[...] em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a República do Brasil.

Na época, o país era governado por D. Pedro II e passava por grandes problemas, em razão da abolição da escravidão, em 1888.

Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados o que gerou insatisfação nos proprietários de terras.

As perdas também foram grandes para os coronéis, pois haviam gasto uma enorme quantidade de dinheiro investindo nos escravos, e o governo, após a abolição, não pagou nenhuma indenização a eles.

[...]

BARROS, Jussara de. Dia da Proclamação da República. Disponível e

Sobre a palavra quantidade (quarto parágrafo), afirma-se que:

- a-) Tem o mesmo número de letras e de fonemas.
- b-) Tem um dígrafo vocálico.
- c-) Possui um encontro consonantal.
- d-) Possui dois dígrafos.
- e-) Tem oito fonemas.

15-) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I – poema, reino, pobre, não, chave.

II – realice, perdeu, escrevê-lo, então, que.

III – dia, mais, contempla, então, lhe.

- a-) ditongo crescente, ditongo, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo.
- b-) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal.
- d-) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo.
- e-) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo.